

Cadernos de Semântica

Nº 21

Para uma Análise Semântica dos Tempos
do Presente em Português

Ana Cristina Macário Lopes

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Projecto JNICT - PCSH/C/LIN/212/91
Responsável: João Andrade Peres

Grupo de Estudos de Semântica - Faculdade de Letras
Departamento de Linguística Geral e Românica
Alameda da Universidade - 1699 LISBOA codex - Portugal
FAX: 351-1-7960063 E-MAIL: sema@fc.ul.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
1995

*Para a Cristina,
pelo nosso presente
na música e nos afectos*

Ana Cristina

Ana Cristina M. Lopes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Para uma análise semântica
dos tempos do Presente em Português

0. Introdução

Com este artigo, proponho-me contribuir para a análise dos diferentes valores temporo-aspectuais do Presente simples e do tradicionalmente designado 'Presente perifrástico' do Indicativo, no português europeu contemporâneo. Curiosamente, na bibliografia sobre o tempo na língua portuguesa, os tempos do Presente não foram ainda submetidos a um estudo particular. Tal constatação não deixa de ser surpreendente se tivermos em conta que o Presente é, em português, um domínio temporal que se presta a um grande número de leituras. Parece, pois, oportuno tentar descrever e sistematizar os diversos valores dos tempos do Presente, delimitando os respectivos contextos de ocorrência.

Ao contrário do que sugere a designação tradicional, o 'Presente perifrástico' não é semanticamente equivalente ao Presente simples. Adoptando como quadro teórico de referência a proposta de Kamp e Reyle (1993) para o tratamento do tempo nas línguas naturais, procurarei demonstrar, ao longo do presente estudo, na esteira da hipótese de trabalho apresentada em Peres (1993), que o 'Presente perifrástico' é, basicamente, um operador aspectual (ou de aktionsart).

Na primeira secção, farei uma breve síntese crítica das observações mais relevantes que se encontram em duas gramáticas do português sobre os empregos dos tempos do Presente.

Na segunda secção, apresentarei os aspectos da teoria de Kamp e Reyle que permitem tratar de forma integrada a expressão linguística dos valores de tempo e aspecto.

Na terceira secção, analisarei o funcionamento semântico do Presente simples e do Presente perifrástico em português, à luz da proposta acima referida.

1. O Presente nas gramáticas

1.1. Cunha e Cintra (1984)

Nesta gramática, o tempo é definido como sendo a variação que indica o momento em que se dá o facto expresso pelo verbo" (p. 379). Consideram-se três tempos naturais, o Presente, o Passado e o Futuro, sendo central, nesta tripartição, o momento em que se fala. O tempo verbal que expressa o tempo natural Presente é o Presente do Indicativo.

Segundo os autores, o Presente do Indicativo utiliza-se:

i) para "enunciar um facto actual, que ocorre no momento em que se fala"; é o chamado 'presente momentâneo' (ex.: *Cai chuva*);

ii) para "indicar acções e estados permanentes ou assim considerados"; trata-se do 'presente durativo' (ex.: *A Terra gira*);

iii) para "expressar uma acção habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala"; a designação proposta para este valor/uso é a de 'presente habitual ou frequentativo' (exs.: *Como pouquíssimo, Sou tímido*);

iv) para "dar vivacidade a factos ocorridos no passado"; é o chamado 'presente histórico ou narrativo' (ex.: "*Serpentinas cortam o ar carragado de éter, rolam das sacadas (...) E o curso movimentava-se vagarosamente(...)*"); v) para "marcar um facto futuro, mas próximo" cuja ocorrência é encarada como certa, sendo o presente geralmente acompanhado, neste caso, por um adjunto adverbial (ex.: *Amanhã mesmo vou para Belo Horizonte*);

vi) para formular pedidos num registo de delicadeza e intimidade, como substituto do imperativo (ex.: *Você resolve-me isto amanhã*) (cf. pp. 447-450).

Embora os diversos empregos registados correspondam efectivamente às intuições básicas dos falantes nativos sobre o funcionamento discursivo do Presente simples do Indicativo, trata-se de uma descrição empírica onde se convocam parâmetros de índole heterogénea: localização temporal em sentido estrito, duração, frequência, valores retórico-expressivos e valores modais.

Quanto à diferença semântica entre a forma simples e a forma perifrástica do Presente, os autores assinalam que se trata de uma oposição de natureza aspectual, sendo a construção *estar a + Infinitivo* (ou *estar + Gerúndio*) responsável pela expressão de um valor de duração ou continuidade. O aspecto é entendido como "categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a acção expressa pelo verbo" (p. 380).

Um tratamento mais sistemático e consistente da semântica do Presente do Indicativo envolve necessariamente o recurso a uma teoria integrada sobre a expressão do tempo e do aspecto nas línguas naturais. Procurarei fazê-lo na última secção deste trabalho.

1.2. Mateus *et al.* (1989)

Nesta gramática, a categoria linguística 'tempo' é considerada basicamente uma categoria deíctica, expressando "a ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma" (cf. p.76). Essa ordenação é definida por relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade.

Consideram as autoras que o presente exprime uma relação de simultaneidade entre o intervalo de tempo em que ocorre a situação descrita e o intervalo de tempo da enunciação, e é expresso, em português, pelo Presente do Indicativo simples ou 'perifrástico'. Note-se que esta definição do valor temporal do presente tem sido reiteradamente defendida no campo dos estudos linguísticos (cf., entre outros, Benveniste, 1966; Lyons, 1977; Comrie, 1985; Declerk, 1991).

Para além do valor de localização temporal acima referido, as autoras afectam ao presente 'perifrástico' um valor aspectual durativo cursivo, na medida em que ele permite descrever um processo como estando em curso no intervalo de tempo relevante. Também o presente simples pode expressar valores aspectuais, nomeadamente um valor frequentativo, um valor habitual e um valor gnómico (cf. pp.89-98), e ainda um valor modal de certeza ou alta probabilidade, em frases do tipo 'Eles chegam amanhã'.

Como se depreende do que acima ficou dito, as autoras distinguem entre as categorias de tempo e aspecto: a primeira expressa uma relação de ordem entre intervalos de tempo, sendo o ponto de referência decisivo o intervalo de tempo da enunciação; a segunda "exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural, (i) por selecção de um predicador pertencente a uma dada classe; (ii) por quantificação do intervalo de tempo em que o estado de coisas descrito está localizado e/ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou a intervalos adjacentes" (p.90). Tal como aparece definida nesta gramática, a categoria aspecto é pluridimensional, já que envolve os parâmetros completamento, duração e frequência.

Deixando para já em suspenso a questão (complexa) da interacção entre valores temporais e valores aspectuais, direi que a definição estritamente deíctica do presente simples do indicativo - definição que postula a coincidência entre o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade¹ descrita e o intervalo de tempo da enunciação - dificilmente recobre os usos mais frequentes deste tempo verbal no português contemporâneo. Com efeito, só no caso de enunciados performativos e em contextos de reportagem directa de um evento que está a ser percebido pelo locutor se pode falar de uma relação de simultaneidade quase perfeita entre intervalos de tempo. Por outro lado, a especificação dos valores ditos aspectuais do presente simples não pode prescindir, a meu ver, de uma correlação sistemática entre tempo verbal e classes de predicados, devendo estas ser definidas em função do tipo de situações que os predicados denotam. Esta questão merecerá uma atenção particular no presente trabalho.

2. Um ponto de partida: a proposta de Kamp e Reyle (1993)

Numa tentativa de tratar de forma integrada a expressão do tempo e do aspecto nas línguas naturais, e incorporando a proposta de Reichenbach (1947), os autores construíram duas subteorias articuladas, que recobrem de forma consistente quer a

¹ Adopto o termo genérico 'eventualidade', proposto por Bach (1981), para designar uma situação ou um estado de coisas.

localização das situações no eixo do tempo, quer a estrutura temporal interna dessas situações. São elas:

i) uma subteoria bidimensional do tempo, que envolve dois parâmetros temporais: o primeiro indica a relação entre o "temporal perspective point" (TPpt) e o tempo da enunciação (assinale-se que o TPpt equivale basicamente ao "tempo de referência" de Reichenbach, ou seja, designa o ponto de referência a partir do qual se perspectiva a localização temporal da eventualidade descrita); o segundo indica a relação entre a localização da eventualidade ("location time") e o TPpt. O primeiro traço temporal comporta dois valores [+Passado/-Passado], o que significa que o ponto de referência pode ser o passado ou o presente. O segundo parâmetro envolve três valores, anterioridade, posterioridade e sobreposição ("overlapping")²;

ii) uma subteoria de "propriedades aspectuais", que inclui distinções básicas de aktionsart (nomeadamente a distinção central entre estados e eventos) e ainda o traço [+Perfectivo]. Para se entender de forma mais cabal o que significa para os autores este último traço, convém aduzir que os autores defendem uma concepção de evento em termos de estrutura tripartida que engloba uma fase preparatória, um ponto de culminação e um estado resultante.³ Diagramaticamente:

fase prep. ponto de culminação estado resultante



² Na terminologia de Kamp e Reyle, os três valores do segundo parâmetro são *passado*, *presente* e *futuro*. Dada a equivocidade que uma terminologia parcialmente idêntica para os dois parâmetros temporais pode acarretar, utilizarei os termos *anterioridade*, *posterioridade* e *sobreposição* para a última relação referida, termos aliás consagrados na área da semântica temporal. Esta proposta de alteração terminológica aparece em Peres (1993).

³ Idêntica concepção é defendida em Moens e Steedman (1988)

Segundo os autores, "PERF will be used to distinguish between those expressions that refer to result states (these have + PERF) and those which refer to parts of the schema other than the result state part (- PERF)" (p. 559)⁴.

Atente-se no seguinte exemplo, por forma a tornar mais claro o alcance desta proposta:

(1) A Ana escreveu um poema.

Nesta frase, os valores semânticos relevantes, do ponto de vista temporo-aspectual, são os seguintes: [-PASSADO] no que diz respeito ao TPpt, o que significa que é a partir do presente que se perspectiva a localização da eventualidade, [Anterioridade] quanto à relação de ordem entre o intervalo de tempo da eventualidade descrita e o TPpt, [-ESTATIVO] do ponto de vista do valor de aktionsart, e [-PERF] quanto a 'conversões aspectuais', dado que a frase não descreve um estado consequente.

Para além do maior rigor que a consideração do TPpt introduz na especificação da localização temporal da situação descrita, nomeadamente nos casos de localização relativa expressa pelos tempos compostos, a teoria esboçada permite integrar a informação de aktionsart veiculada por um enunciado, entendendo-se por 'informação de aktionsart' todas as indicações acerca da estrutura temporal interna de uma situação ("the set of relevant properties of the typical interval of time required by a situation to be realised (where (...) the notions of punctuality *versus* durativity, telic *versus* atelic and others play a crucial role)", Peres, 1993:6).⁵

Para se poder lidar de forma consistente com os referidos valores de aktionsart, é necessário recorrer a uma teoria de tipos de situações ou eventualidades. Neste trabalho, utilizarei a proposta de Moens (1987), que admite uma distinção básica entre estados e eventos. Os primeiros correspondem a situações que não envolvem limites temporais, ao contrário dos segundos, que envolvem sempre uma fronteira inicial e/ou final. Os eventos, por seu turno, são subdivididos em quatro classes, de acordo com os parâmetros

⁴ Note-se que o termo 'perfectivo' é tradicionalmente utilizado para designar a representação linguística de uma eventualidade segundo uma perspectiva de completamento.

⁵ Julgo que as 'propriedades aspectuais' contempladas por Kamp e Reyle são fundamentalmente valores de aktionsart, tal como acabam de ser definidos.

[+ pontual] e [+ télico]. Assim, uma culminação é um evento caracterizado pelos traços [+ pontual] e [+ télico], um ponto define-se pelos traços [+ pontual] e [-télico], um processo culminado é [+ durativo] e [+ télico] e um processo é [+durativo] e [-télico].⁶

É inegável que, a nível lexical, a semântica do predicado verbal desempenha um papel saliente na determinação do valor de aktionsart de um enunciado. Aliás, como é sabido, as mais conhecidas tipologias de eventualidades (ou classes de aktionsart) são também tipologias de predicados verbais (cf., entre outros, Vendler, 1967; Verkuyl, 1972, Dowty, 1979; Mourelatos, 1978; Vet, 1980; Smith, 1991). No entanto, o valor de aktionsart do predicado pode ser anulado ou alterado pela flexão verbal, pela ocorrência dos chamados 'auxiliares aspectuais' ou de certas construções adverbiais temporais, e até pelo valor semântico dos argumentos internos do verbo (sobre este último aspecto, cf. Verkuyl, 1993). Por isso mesmo, Moens propõe uma tipologia dinâmica, que contempla transições de uma categoria para outra, em função de determinadas restrições contextuais.

Delineado o quadro teórico em que pretendo inscrever o meu trabalho, passo de seguida a analisar a semântica do Presente simples do Indicativo em português.

3. O Presente Simples

3.1. Localização

3.1.1. O TP_{pt} de uma frase onde ocorre um verbo no presente é, tipicamente, o intervalo de tempo da enunciação, e nunca um intervalo de tempo da esfera do passado. Mesmo o funcionamento do chamado 'presente histórico', que ocorre em textos narrativos onde se relatam eventos passados, só pode ser descrito e explicado tendo em conta este princípio interpretativo. Com efeito, neste uso retórico peculiar, verifica-se

⁶ Diz Moens: "Our taxonomy is set up to be a classification of how people *describe* the world, rather than how the world itself is" (1987:43). Assim, o que importa é a forma como os falantes descrevem o mundo a partir dos recursos disponíveis na sua língua materna, pelo que a definição das classes de aktionsart passa por critérios de natureza linguística: compatibilidades entre predicados e determinado tipo de expressões adverbiais, possibilidade de ocorrência dos predicados em construções progressivas, alterações semânticas provocadas pelos tempos verbais. Em Dowty 79 encontra-se a primeira tentativa sistemática de motivação linguística de diferentes classes de aktionsart.

uma deslocação fictícia do intervalo de tempo da enunciação para o passado, por forma a conferir ao evento descrito um efeito de imediatismo presencial. Veja-se o exemplo (2):

- (2) "Subiram à plataforma com longas e fortíssimas alavancas, esforçadamente soergueram a pedra ainda instável (...) Êeeeeiii-ô (...), todo o mundo puxa com entusiasmo, homens e bois (...)" (Saramago, Memorial do convento, p.248).⁷

3.1.2. A relação temporal instituída pelo presente entre o TPpt e o tempo ocupado pela eventualidade descrita é, basicamente, uma relação de sobreposição ("overlapping"): o presente localiza a eventualidade descrita num intervalo de tempo que se sobrepõe ao intervalo de tempo da enunciação, só excepcionalmente se verificando uma coincidência absoluta entre ambos.⁸ Atente-se na frase (3):

- (3) A Ana vive em Coimbra.

A frase descreve uma eventualidade que se verifica num intervalo de tempo que engloba o intervalo de tempo da enunciação. Esta relação de sobreposição temporal mencionada acarreta uma consequência relevante no plano do valor de aktionsart expresso pelas frases no presente, consequência que aponta de forma incisiva para a interacção forte entre os dois subsistemas temporais. Com efeito, se a eventualidade se localiza num intervalo de tempo que se sobrepõe ao intervalo de tempo da enunciação incluindo-o propriamente (isto é, estendendo-se para além dele nos dois sentidos), isso significa que a eventualidade descrita tem paradigmaticamente o estatuto de estado e não de evento: "a sentence which describes something as going on at a time- in the sense of

⁷ Assinale-se que o 'presente histórico' só ocorre em contextos enquadrados por tempos do passado, que expressam a localização temporal efectiva do episódio narrado, ou em contextos em que se explicita um ponto de referência passado (por ex.: 'Em 1500, os portugueses desembarcam no Brasil'). Sem restrições contextuais, esta interpretação do presente é automaticamente bloqueada.

⁸ Note-se que os advérbios temporais que de forma mais evidente são compatíveis com a definição semântica do presente apresentada - nomeadamente *agora*, *actualmente*, *nos nossos dias* - são advérbios que expressam uma localização temporal de sobreposição relativamente ao ponto de referência que é o It da enunciação. Pelo carácter redundante da informação que veiculam numa frase onde ocorre uma forma verbal no presente simples, tais advérbios funcionam tipicamente, no discurso, como marcadores enfáticos de um contraste com o que verificava num tempo anterior ao TPpt. Concretizando, a frase (i) *Agora vivo em Coimbra* desencadeia uma inferência do tipo (ii) *Dantes, não vivia*.

not having come to an end when that time is up - cannot represent that something as an event. For the event would have to be entirely included in the location time and thus would not extend behind it" (Kamp e Reyle, 1993:536/7).

O corolário, em termos de valor de aktionsart, da localização temporal padrão expressa pelo presente simples do Indicativo - ou seja, o traço [+estativo] - vai permitir-nos explicar a quase automática emergência das leituras genéricas habituais das frases que comportam um predicado não estativo, como adiante se verá.

3.2. Presente simples e classes de predicados

Definidas as propriedades temporo-aspectuais típicas do Presente simples do Indicativo - [-passado], [+sobreposição] e [+estativo] -, podemos agora caracterizar de forma mais rigorosa as interpretações relevantes das frases que comportam um predicado flexionado neste tempo verbal. Para tal, analisarei as possíveis combinatórias do Presente com diferentes tipos de predicados, utilizando as classes de aktionsart propostas por Moens (1987).

Os dados linguísticos sobre os quais incidirá a análise serão, num primeiro momento, frases simples desprovidas de adjuntos adverbiais temporais. No entanto, sempre que tal se revele pertinente, as frases serão expandidas através de adjuntos compatíveis. Não serão comentadas, neste trabalho, frases complexas no Presente (do tipo *Adoeço quando te vais embora*).

3.2.1. Predicados estativos

Atente-se nas frases (4) a (8):

(4) O João gosta da Patrícia.

(5) A Ana vive em Coimbra.

(6) O João sabe comportar-se em público.

(7) A Patrícia é obediente.

(8) A Patrícia está doente.

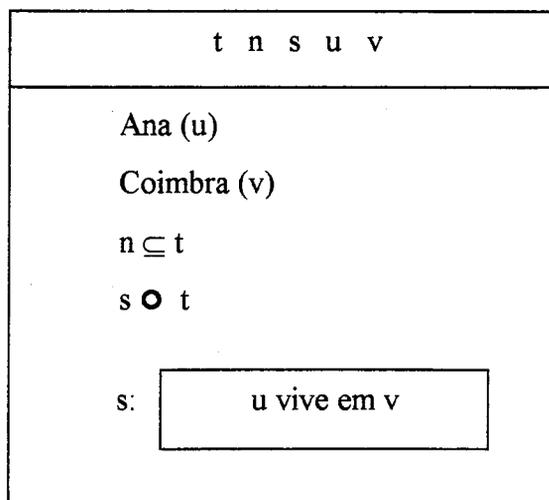
Com predicados estativos, o presente simples é interpretado de acordo com os traços semânticos acima explicitados: o TPpt é o intervalo de tempo da enunciação (doravante representado por n) e o intervalo de tempo ocupado pela situação descrita sobrepõe-se a n . A frase representa linguisticamente um estado, uma situação temporalmente não delimitada, sem fronteira inicial ou final. Para se assinalar um fronteira inicial, seria necessário um adjunto adverbial de localização temporal, como, por exemplo, o que ocorre em (9):

(9) A Ana vive em Coimbra desde 1972.

Note-se que um adjunto adverbial durativo do tipo *há 3 anos* pode igualmente funcionar como marcador de fronteira inicial. Na frase (9'), especifica-se a duração do estado, da fronteira inicial até ao momento da enunciação, mas a ocorrência do Presente impede a consideração de um ponto de terminação para o estado em questão:

(9') A Ana vive em Coimbra há três anos.

Regressando aos exemplos (4) a (8), direi que o valor de aktionsart dos predicados estativos é herdado pelas frases em questão, uma vez que nelas não encontramos elementos que alterem ou anulem esse valor primitivo. Pelo contrário, o tempo verbal Presente só reforça a representação linguística de estados. Adoptando o formalismo da Discourse Representation Theory (DRT; Kamp, 1981), a representação semântica da frase (5) é a seguinte:



No entanto, há diferenças significativas entre os estados representados pelas frases (4) a (7) e aquele que a frase (8) descreve. Com efeito, as primeiras são preferencialmente lidas como genéricas, atemporais, na medida em que representam situações não contingentes: todas elas expressam a afectação/atribuição de uma propriedade permanente ou relativamente estável a um indivíduo.⁹ Ao invés, a frase (8) é episódica, visto que representa uma situação contingente: a propriedade predicada aplica-se a uma fase temporalmente delimitada do indivíduo envolvido na denotação do SN sujeito. Nesta frase, a leitura episódica é decisivamente induzida pela ocorrência do verbo 'estar', que em português, por oposição a 'ser', marca sempre uma predicação contingente, espacio-temporalmente ancorada, isto é, uma predicação que se verifica num intervalo de tempo delimitado/específico.¹⁰

3.2.2. Predicados de processos

Vejam-se as seguintes frases:

(10) A Patrícia nada.

(11) O João fuma.

(12) O Paulo corre.

Embora não seja de excluir em absoluto a possibilidade de frases como estas poderem ocorrer em contextos de reportagem directa (e, neste caso, o Presente simples é plenamente comutável com o Presente 'perifrástico'), julgo que, nas suas interpretações paradigmáticas, frases deste tipo expressam uma informação acerca de propriedades de indivíduos, o que se comprova pela paráfrase nominal estativa que admitem:

(10') A Patrícia é nadadora.

(11') O João é fumador.

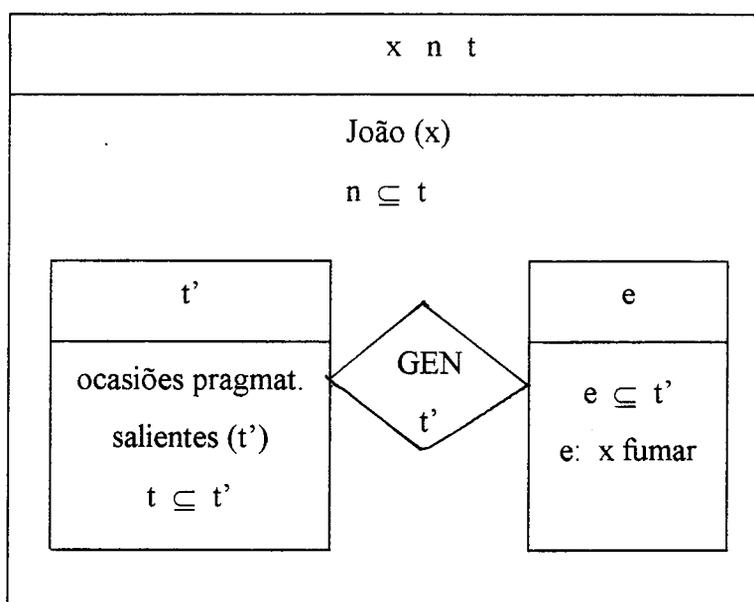
⁹ Admito que se possa matizar esta análise, reconhecendo que é possível, em certos contextos, atribuir uma leitura episódica à frase (5). É o que acontece, por exemplo, num contexto dialogal em que (5) funcione como resposta a uma pergunta do tipo *Onde é que a Ana vive, agora?*

¹⁰ Santos (1993) estabelece uma distinção idêntica entre estados permanentes e estados temporários, ligando estes últimos ao progressivo e os primeiros às frases habituais.

Neste sentido, são igualmente frases genéricas, atemporais. No entanto, a propriedade atribuída envolve uma iteração regular de instanciações episódicas do processo denotado pelo predicado verbal. Daí a designação tradicional de 'frases habituais': um hábito é justamente uma propriedade que recorrentemente se actualiza em eventos episódicos (se a Patrícia nada, isso significa que é uma propriedade da Patrícia o facto de ela nadar regularmente). Assim, uma frase genérica 'habitual' pressupõe uma dinâmica (de agentividade) que está ausente das frases genéricas anteriormente comentadas (cf. frases (4) a (8), frases disposicionais ou de caracterização lexical, na terminologia de Krifka (1992)). Nestas últimas, o predicado é já basicamente [+estativo]; nas genéricas habituais, o predicado é basicamente [-estativo].¹¹

A selecção de uma leitura habitual é facilmente explicada tendo em conta o que atrás se disse acerca do valor [+ estativo] do presente: se uma frase no presente simples descreve estados, isso significa que, combinado com predicados de processos, o tempo verbal em apreço funciona como operador de uma conversão de aktionsart. Assim, nestes casos, dir-se-á que o presente permite expressar uma generalização que pressupõe uma iteração de eventos similares ao longo de um intervalo sem fronteiras delimitadas, o que corresponde à representação linguística de um estado habitual. Quando digo *O João fuma*, expresso um comportamento típico do João, um padrão de recorrência de eventos. A representação semântica desta frase é complexa, já que envolve uma quantificação por defeito sobre um domínio vago - as *ocasiões pragmaticamente salientes* em que se verificam ocorrências episódicas do evento 'fumar'. De acordo com o formalismo da DRT, e sendo GEN um quantificador do tipo do proposto por Krifka (1988) - isto é, um quantificador que é compatível com situações que escapam a uma generalização universal - parece-me que a frase (11) admitiria uma representação semântica próxima da seguinte:

¹¹ Note-se que tanto num caso como no outro, a predicação expressa resulta da observação de situações episódicas passadas recorrentes (a título de exemplo, situações em que a Patrícia está a ser obediente ou situações em que o João está a fumar). Daí a pertinência da afirmação de Krikfa (1988): " Universal or generic quantification over specific situations can be considered to be the very essence of stativity" (p. 306).



Note-se que o valor de habitualidade envolve iteração, mas o valor iterativo não envolve necessariamente habitualidade. Uma leitura habitual pressupõe uma iteração ao longo de um intervalo ilimitado, o que corresponde a uma quantificação sobre uma classe aberta de eventos (factuais e potenciais). Uma leitura iterativa envolve uma quantificação sobre uma classe fechada de eventos: na frase *Ele visitou-me muitas vezes*, a delimitação temporal imposta pelo Pretérito Perfeito, conjugada com o adverbial de quantificação temporal *muitas vezes*, dá origem a uma leitura iterativa.

3.2.3. Predicados de processos consumados

Excepto, uma vez mais, em contextos de reportagem directa, raramente se utiliza o Presente simples com predicados de processos consumados e sem adjuntos adverbiais, como se pode comprovar pelo baixo grau de aceitabilidade dos exemplos seguintes:

(13) ? O João escreve uma carta.

(14) ? A Patrícia pinta o carro.

(15) ? O Paulo viaja até Faro.

A incompatibilidade do presente com o valor de aktionsart [-estativo] é patente. No entanto, basta a adjunção de uma expressão adverbial que especifique a duração do evento para se obter uma frase plenamente aceitável:

(16) O João escreve uma carta em cinco minutos.

Uma paráfrase aproximada desta última frase seria: *quando o João escreve uma carta, habitualmente escreve-a em cinco minutos*. Trata-se, pois, de uma frase que desencadeia uma leitura habitual. O adjunto adverbial em causa é basicamente compatível com predicados de processos consumados, ou seja, predicados que descrevem eventualidades que têm um ponto de culminação intrínseco. Em Dowty (1979), a motivação linguística das diferentes classes de aktionsart passa justamente por um conjunto de testes sintático-semânticos, dentre os quais se destacam distintas compatibilidades entre predicados e adjuntos de valor temporal. No caso vertente, trata-se de um adjunto de medida temporal, que especifica a duração do intervalo de tempo requerido para a concretização ou realização da eventualidade 'escrever uma carta'. No entanto, a ocorrência do Presente promove uma conversão do valor de aktionsart da expressão predicativa, na medida em que, como vimos, o presente localiza a eventualidade descrita num intervalo de tempo aberto, sem fronteiras delimitadas. Assim, ao combinar-se com uma expressão predicativa que envolve um ponto de culminação, o presente promove a representação linguística de um estado habitual, que comporta instanciações regulares e repetidas do mesmo evento.

Uma outra forma de tornar aceitáveis as frases (13) a (15) consiste em acrescentar-lhes adjuntos adverbiais de quantificação temporal, com um valor frequencial vago ou preciso - por exemplo, 'muitas vezes', 'todas as manhãs', 'duas vezes por ano':

(17) O João escreve uma carta todas as manhãs.

Adjuntos deste tipo permitem representar linguisticamente a recorrência de uma eventualidade, uma vez que envolvem uma quantificação sobre o tempo/intervalos de tempo.

Note-se ainda que uma simples alteração do valor semântico dos argumentos nominais que funcionam como OD nas frases (13) e (14) é suficiente para incrementar o grau de aceitabilidade das frases em questão, induzindo automaticamente uma leitura habitual:

(18) O João escreve cartas.

'Escrever cartas', ao contrário de 'escrever uma carta', não é um predicado de processo consumado (cf. *o João escreve/escreveu cartas numa hora), uma vez que o argumento interno do verbo, ao envolver na sua denotação uma quantidade indefinida de objectos (+OD -SQA), bloqueia a representação de um ponto de culminação particular. Trata-se, pois, de um predicado de processo, que automaticamente induz uma interpretação genérica habitual da frase, quando combinado com o presente simples.

3.2.4. Predicados de culminação

Predicados deste tipo raramente ocorrem em frases no Presente simples sem adjuntos adverbiais, excepto num contexto de reportagem directa, como a seguir se exemplifica:

(19) Neste momento, Rosa Mota corta a meta!

No quadro da rede de transições aspectuais de Moens (1987), quando um predicado que descreve o ponto de culminação de um evento se combina com o valor [+estativo] do presente, o enunciado passa a descrever o estado consequente desse evento pontual. Partindo desta análise, vejamos como se constrói a leitura habitual da frase (20):

(20) O João ganha todos os anos a maratona.

Trata-se de uma frase em que a ocorrência de um adjunto adverbial de quantificação temporal parece neutralizar a incompatibilidade intrínseca do presente simples com predicados de "achievement". No entanto, a conversão do valor de aktionsart do predicado é basicamente operada pelo tempo verbal; a quantificação operada pelo

adjunto adverbial recai sobre o estado consequente do evento pontual *ganhar a maratona*. Assim, a leitura habitual resulta do facto de a frase representar um estado que recorrentemente se verifica.

3.2.5. Predicados de pontos

Tal como as culminações, os pontos são eventos atômicos, pontuais. No entanto, não envolvem, na perspectiva de Moens, um estado consequente. Flexionados no Presente simples, predicados deste tipo dão origem a frases de reduzido grau de aceitabilidade:

(21) ? O João espirra.

No entanto, a adjunção de expressões adverbiais de quantificação temporal ou de frases subordinadas temporais que também envolvem quantificação sobre intervalos de tempo dá origem a frases aceitáveis, que induzem automaticamente uma leitura habitual:

(22) O João espirra frequentemente / sempre que sai do banho.

4. O Presente 'perifrástico'

Nesta secção, proponho-me contribuir para o estudo dos valores semânticos da construção *estar a + Infinitivo*, no Presente, construção que corresponde ao presente progressivo, em inglês. É já vasta a bibliografia sobre a semântica das construções progressivas em inglês (cf., entre outros, Bennett e Partee, 1972; Dowty 1979; Parsons 1989; Moens 1987; Landman 1992). O que basicamente tem suscitado discussão é o chamado 'paradoxo imperfectivo', que se prende com as diferentes inferências autorizadas pelas frases onde ocorre uma construção progressiva no passado ("past progressive") combinada com predicados de processo consumado e de processos.¹²

¹² A título de exemplo, atente-se nas frases (i) e (ii):

- (i) John was walking along the river.
- (ii) John was building a house.

Sucintamente, discute-se se a semântica das frases com construções progressivas - frases que, numa formulação intuitiva e empírica, descrevem fases de eventos no seu decurso - envolve ou não uma referência ao possível evento completo correspondente (ou ao intervalo de tempo que o valida).

Não pretendo, neste trabalho, discutir as diferentes soluções apresentadas, mas tão só contribuir para equacionar as diferenças semânticas entre o Presente simples e o chamado Presente perifrástico em português.

4.1. Localização

Em termos de estrita localização temporal, os valores expressos pelo Presente perifrástico não diferem substancialmente daqueles que caracterizam o Presente simples. Com efeito, o TPpt continua a ser o intervalo de tempo da enunciação e a relação de ordem instituída entre o TPpt e o intervalo de tempo ocupado pela eventualidade descrita é igualmente uma relação de sobreposição. Assinale-se, entretanto, que a consideração do TPpt é mais relevante na interpretação das frases em que ocorre o Presente 'perifrástico'. Com efeito, estas frases descrevem ocorrências actuais de uma eventualidade, pelo que são sempre frases episódicas.¹³ Este aspecto interfere com o valor de aktionsart expresso: a situação descrita por uma frase no Presente simples é diferente daquela que é representada por uma frase no Presente perifrástico, mantendo-se idêntico o núcleo predicativo. É, pois, ao nível das "propriedades aspectuais" que se torna relevante analisar o valor e as funções desta construção, o que faremos nos parágrafos seguintes.

A primeira autoriza a inferência *John walked along the river*; a segunda bloqueia uma inferência deste tipo (**John built a house*).

¹³ É necessário, uma vez mais, matizar esta afirmação, já que é possível dizer *O Pedro está a escrever um romance* sem que no momento da enunciação o Pedro esteja de facto a escrever. Isto porque o nosso conhecimento do mundo nos permite considerar que *escrever um romance* é um evento cujo processo preparatório comporta lacunas, interrupções ("gaps").

4.2. Predicados estativos

Contrariamente ao que afirmam diversos autores que trabalharam sobre dados linguísticos do Inglês (cf. Dowty, 79; Kamp 93), em português a construção progressiva no presente não exclui os predicados basicamente estativos.¹⁴ Vejam-se as frases seguintes:

- (23) O João está a gostar da Patrícia.
- (24) O João está a viver em Coimbra.
- (25) O João está a saber comportar-se em público.
- (26) A Patrícia está a ser obediente.

É óbvia a não equivalência semântica entre as frases acima transcritas e as frases correspondentes no presente simples (cf. (4) a (7)). Intuitivamente, julgo que qualquer falante nativo do português associa às frases em que ocorre o auxiliar 'estar a' uma inferência cuja paráfrase aproximada seria: em intervalos de tempo anteriores ao da enunciação, a eventualidade descrita não se verificava. Expressa-se, por conseguinte, uma situação resultante de uma mudança, contrastando-a implicitamente com uma situação anterior. Assim, a construção progressiva pressupõe/marca uma fronteira inicial, delimitando temporalmente a situação descrita. Ao impor uma restrição temporal a predicados lexicalmente estativos, o auxiliar opera uma conversão de aktionsart; o estado é recategorizado em processo, que passa a ser representado com estando em curso num intervalo de tempo coextensivo ao da enunciação.

Entende-se, assim, a diferença semântica basilar entre as frases (4) a (7) e as frases (23) a (26): as primeiras são genéricas, atemporais, descrevem propriedades de indivíduos, propriedades supostamente permanentes que se verificam em todos os subintervalos de um intervalo aberto que inclui o intervalo de tempo da enunciação; as

¹⁴ Assinale-se que há, no entanto, em português, uma subclasse de predicados estativos que não admitem a construção progressiva: trata-se dos predicados estativos adjectivais que seleccionam obrigatoriamente o verbo 'estar'. Veja-se, a título de exemplo, o predicado 'sentado': não é possível a construção 'O João está a estar sentado'. Dado que o verbo 'estar' marca sempre o carácter episódico da predicação, não é necessário, nestes casos, recorrer à construção progressiva para descrever um estado temporariamente delimitado.

segundas são episódicas, descrevem propriedades de fases temporalmente delimitadas de um indivíduo.

4.3. Predicados não estativos

Vejam-se as frases seguintes:

(27) O João está a fumar.

(28) A Patrícia está a construir uma casa.

(29) A Ana está a cortar a meta.

(30) O João está a espirrar.

A frase (27) representa um processo em decurso no intervalo de tempo da enunciação, ou seja, descreve a ocorrência actual do evento.¹⁵ Admitindo, de acordo com Smith 91, que os processos, para além de durativos e não télicos, são eventos que envolvem uma fronteira inicial e uma fronteira final arbitrária, correspondente à cessação do processo, então o auxiliar pode ser analisado como um operador que circunscreve a fase medial do evento, perspectivando-o em decurso num intervalo de tempo coextensivo ao intervalo de tempo da enunciação.

Na frase (28), o recurso à construção perifrástica traduz-se na representação linguística do processo preparatório de um evento: o locutor descreve o evento sem ter em conta o seu ponto de culminação, focalizando apenas o processo preparatório no seu decurso actual. Assim, o auxiliar é responsável por uma 'conversão aspectual', na medida em que altera o primitivo valor de aktionsart do predicado: ao circunscrever uma subparte do evento, o presente 'perifrástico' bloqueia a representação de um processo consumado; a situação descrita pela frase passa a ser um processo, e esse processo é perspectivado na sua dinâmica actual.

Na frase (29), a construção progressiva envolve um predicado de culminação, que denota um evento pontual e télico. A ocorrência do auxiliar força a adição de um

¹⁵ Note-se que as construções progressivas construídas a partir de um núcleo verbal cujo valor básico de aktionsart é um valor de processo podem desencadear uma leitura habitual em contextos restritos. Refiro-me concretamente a contextos em que ocorre o adverbial de quantificação temporal 'sempre': O João está sempre a fumar'.

processo preparatório e exclui o ponto de culminação: se a Ana está a cortar (prestes a cortar) a meta, então ainda não cortou a meta. Uma vez mais, perspectiva-se o processo preparatório em curso, o que implica uma alteração do valor de aktionsart do predicado nuclear.

Na frase (30), o auxiliar funciona igualmente como operador de uma conversão de aktionsart: o evento representado pelo verbo 'espirrar' é pontual e não télico; a ocorrência do auxiliar induz uma leitura iterativa. Assim, ao expressar a iteração de eventos pontuais, a frase promove a representação de um processo em curso.

5. Observações finais

Da análise levada a cabo neste trabalho, julgo possível extrair algumas conclusões. Em primeiro lugar, o Presente simples e o Presente 'perifrástico', sendo ambos tempos verbais da esfera do presente, localizam eventualidades em intervalos de tempo que se sobrepõem ao intervalo de tempo da enunciação. O TPpt é, pois, em ambos os casos o tempo da enunciação. No entanto, o presente perifrástico descreve a ocorrência actual da eventualidade, introduzindo uma restrição temporal que torna a predicação episódica. Noutros termos, o Presente perifrástico circunscreve a validade da predicação expressa a um intervalo de tempo delimitado, ao contrário do Presente simples, que permite localizar a eventualidade num intervalo potencialmente ilimitado, viabilizando assim a construção de predicações genéricas.¹⁶

As frases no Presente simples são sempre estativas, mesmo quando o valor de aktionsart do predicado que nelas ocorre é basicamente não estativo. Nestes casos, o tempo verbal opera uma conversão de aktionsart: a frase não descreve um evento, mas representa um padrão de recorrência de eventos, correspondente a um estado habitual.

O Presente perifrástico é sempre um operador de aktionsart. Ao circunscrever uma fase da eventualidade, perspectivando-a como estando em curso num intervalo de tempo coextensivo/sobreposto ao da enunciação, representa uma situação [+durativa], que não envolve um ponto de culminação. Combinado com predicados estativos, recategoriza-os

¹⁶ Note-se que esta afirmação não invalida a possibilidade de se considerar que, em certos contextos, frases no presente simples podem expressar predicações episódicas.

em processos; combinado com predicados não estativos, promove a representação de processos na sua dinâmica actual.

Resta-me tecer algumas considerações sobre os usos do Presente simples a que se tem atribuído um valor temporal de futuro (próximo), o que apontaria para a versatilidade do nosso sistema temporal. Atente-se na frase (31):

(31) Amanhã, vou ao cinema.

A eventualidade descrita é localizada num intervalo de tempo posterior ao intervalo de tempo da enunciação. No entanto, na minha opinião, é o adjunto adverbial que constrói essa localização; o tempo verbal carrega apenas um valor modal de certeza ou alta probabilidade.

REFERÊNCIAS

- BENNETT, M e B. PARTEE (1972), "Towards the logic of tense and aspect in English", IULC, Bloomington.
- COMRIE, B. (1985), *Tense*, Cambridge, Cambridge University Press.
- CUNHA, C. e L. F. CINTRA (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- DECLERCK, R. (1991), *Tense in English. Its structure in use and discourse*, Routledge, Londres.
- DOWTY, D. (1979), *Word meaning and Montague grammar*, Dordrecht, D. Reidel.
- KAMP, H. e U. REYLE (1993), *From discourse to logic. Introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht, Kluwer.
- KRIFKA, M. (1988), "The Relational Theory of Genericity", in M. Krifka (org.), *Genericity and natural Language, Proceedings of the 1988 Tübingen Conference*, Universidade de Tubinga.

- LANDMAN, F. (1992), "The Progressive", in *Natural Language Semantics*, 1.
- MATEUS, M. H. M. et al. (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Caminho.
- MOENS, M. (1987), *Tense, aspect and temporal reference*, PhD. Diss., Universidade de Edimburgo.
- PARSONS, T. (1989)- "The progressive in English: events, states and processes", in *Linguistics and Philosophy*, 12.
- PERES, J. A. (1993), "Towards an integrated view of the expression of time in Portuguese", in *Cadernos de Semântica*, 14, Faculdade de Letras de Lisboa.
- SANTOS, D. (1993) - "Integrating tense, aspect and genericity", in *Actas do IX Encontro da APL*, pp. 391-405.
- SMITH, C. (1991), *The parameter of aspect*, Dordrecht, Kluwer.